

DC na sala de aula

FRANCINE GAIORE



A fórmula para não perder o ano

Página 3

DIÁRIO CATARINENSE TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 2009



AVARELIO KUROSSU

Mobilização para barrar o avanço do vírus H1N1 inclui as aulas de história e geografia da professora Márcia

Todos contra a gripe A

ESTUDANTES SÃO PREPARADOS PARA IMPEDIR O AVANÇO DA DOENÇA

A mais preocupante doença da atualidade chegou aos bancos escolares e está transformando crianças e adolescentes em integrantes de um pelotão de multiplicadores da prevenção contra o temido vírus H1N1. Na Escola Professor Osni de Me-

deiros Régis, do Bairro Tributo, em Lages, na Serra Catarinense, as lições para enfrentar a gripe A começam em pesquisas na internet, transformam-se em murais pendurados nas paredes, viram debate em sala e depois são levadas para casa em forma

de informação à família. O tema entrou no currículo escolar, se impôs sobre conteúdos inicialmente incluídos nos programas, rompeu as fronteiras das disciplinas e hoje até ocupa espaço nas aulas de história e geografia. **Páginas 6 e 7**

Editorial

A mais preocupante doença do momento não poderia ficar de fora das discussões escolares. E muito menos do DC na Sala de Aula. Reportagem nas páginas centrais desta edição mostra como a gripe A vem sendo tratada em uma escola pública de Lages. Na instituição, o assunto rompe disciplinas, gera pesquisas e debates e transforma alunos em multiplicadores da prevenção. Outra pauta sobre como alunos pretendem recuperar neste semestre as baixas médias obtidas no começo do ano letivo. Eles sabem que o momento é de dedicação. Especialistas e professores também dizem o que fazer a partir de agora.

Esta edição também vem colorida pelas ilustrações feitas por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas do Estado. Entre as inspirações para os trabalhos desses artistas estão o gênio das artes plásticas Pablo Picasso e a a premiada escritora e ilustradora italo-brasileira Eva Furnari, criadora da personagem Bruxinha. Uma boa leitura!

Envie projetos/produções para publicação no caderno DC na Sala de Aula:

- 1 - Critérios para envio de produções dos alunos das escolas estaduais às Gerências Regionais de Educação (Gerecs):
 - ✓ Enviar em folha A4 e em formato eletrônico (CD)
 - ✓ Identificar o trabalho no verso do papel impresso
 - ✓ Devem constar nome completo, idade, série, escola e município
 - ✓ O professor deverá enviar, juntamente com as produções dos alunos, um resumo do objetivo do trabalho desenvolvido
 - ✓ As produções devem ser enviados dentro do prazo estabelecido pelas Gerecs

- 2 - Critérios para envio de artigos de profissionais de educação para publicação:
 - ✓ Devem ser encaminhados com, no máximo, 2 mil caracteres.
 - ✓ Fontes Times New Roman ou Arial, tamanho 12
 - ✓ Participe você também!
 - ✓ Escolas: divulguem seus eventos no nosso mural. Esse espaço foi criado especialmente para vocês.

Próximas edições:

- ✓ 29 de setembro
- ✓ 1º de dezembro

DIÁRIO CATORINENSE

Diretor-geral e Institucional SC: Marcos Noll Barbosa
 Diretor-geral de Produto SC: Cyro Silveira Martins
 Filho
 Editor-Chefe: Nilson Vargas
 Gerente Comercial: Marcelo Martha
 Gerente de Operações: Adriano Araldi
 Edição: Eduardo Correia
 Coordenadora do programa: Vanessa Esteves
 Textos do DC: Francine Cadore, Júlia Antunes Lorenço e Pablo Gomes
 Diagramação: Fabiano Peres
 Fotos: Alvarênio Kurossa, Flávio Neves, Francine Cadore e Divulgação

Comunique-se com o DC na Sala de Aula:
 Rua: Rua Desembargador Pedro Silva, 2958 - Bairro Itaguçu - Florianópolis - SC - CEP: 88.080-701
 Telefone: (48) 3216-3444
 Fax: (48) 3216-3355
 E-mail: nasalsala@diario.com.br

LER E INTERPRETAR OU INCORPORAR? EIS A QUESTÃO

ELITA DE MEDEIROS *

Com o advento da mídia eletrônica, a maioria de nossos alunos prefere pesquisas na internet e filmes à leitura. Isso ocorre em todas as disciplinas, não apenas na língua portuguesa e literatura, historicamente as que exigem mais leitura e produção textual.

Deste fato podemos perceber, como afirma a professora Elise Bastos Silva, o surgimento do “internetês” como nova língua dos adolescentes. É do conhecimento dos profissionais de língua portuguesa a evolução natural do idioma, onde novos termos surgem e antigos adquirem diferentes significados. Um

exemplo é a palavra medíocre, que, de acordo com o dicionário Aurélio, significa “que não é bom nem mau, sem relevo, vulgar”. Perguntando aos adolescentes qual o significado desta palavra, as respostas podem diferir, mas o sentido sempre será “abaixo da média”. Ora, o que não é bom nem mau é médio, portanto, aceitável. Mas o medíocre é pouco para os padrões da garotada.

O questionamento, direcionado agora aos educadores, gira em torno do ponto que a autora propõe: se ler traz conhecimentos, então, não se deve ler de tudo, inclusive “internetês”?

É importante que os estudantes tomem contato com todo tipo de obra, dos clássicos às bulas de remédio, afinal, interpretar corretamente

uma bula pode salvar vidas. Então, qual a razão de discriminar a produção “errada” dos alunos? Há, inclusive, os que não aceitam o erro, como Marcos Bagno que, na obra *Preconceito Linguístico*, afirma que o que existe é uma maneira diferente de transmitir a mesma ideia. Se a função da língua é comunicar, não importa a forma como se realiza, haja vista as várias linguagens (verbal, não verbal, entre tantas outras). Se a função do educador é mediar, nosso ofício encerra o papel de mostrar o que é certo e errado, de diferenciar o padrão culto da linguagem coloquial.

O “internetês” de hoje pode vir a ser o padrão no futuro. Se confrontarmos as produções atuais com as do início do século passado, muitos

de nós terão dificuldades de entender a linguagem utilizada naquela época, nem tão remota assim. O que precisamos é ressignificar a produção de nossos alunos para que esteja além do medíocre.

Infelizmente, nós, educadores, ainda não aproveitamos as mídias como aliadas, como ferramentas possíveis de facilitar nosso cotidiano em sala de aula. Podemos partir do que os alunos já sabem para a novidade e, então, até mesmo a aprendizagem da gramática deixará de ser dramática.

* A autora é assistente técnico-pedagógica na escola Nossa Senhora de Fátima de Rio Fortuna e assistente acadêmica do campus de Tubarão da Unisul.

Um espaço de promoção da cidadania

NATÁLIA MENEGETTI *

A escola Jurema Cavallazzi, de Florianópolis, está de parabéns pela promoção do ativismo juvenil em prol do respeito às diferenças e aos direitos humanos.

Alunos e alunas que compõem o grupo Entre Menin@s, sob a responsabilidade da articuladora do Núcleo de Educação e Prevenção (Nepre) da escola, Márcia Elisa Franco, vem realizando desde o ano passado, em parceria com a ONG Casa, discussões a respeito de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), como o vírus HIV da Aids, aborto e gravidez na adolescência.

Para este ano, os temas pesquisados e discutidos na escola com este grupo deverão se referir às drogas e às questões que envolvem a homofobia.

O grupo, além das discussões, vem criando cartazes educativos a respeito das temáticas já mencionadas, sendo que tal ação rendeu para a escola o 1º lugar no concurso de cartazes sobre homofobia, lesbofobia e transfobia promovido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (Nigs) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A promoção também contou com o apoio do Núcleo de Educação e Prevenção (Nepre) da Gerência de Educação da Grande Florianópolis e do Grupo Gestor Estadual do Projeto *Escola Sem Homofobia*, entre outros.



PREMIAÇÃO Natália Meneghetti (E), Márcia Elisa Franco e os estudantes Janaina e Charles, da escola Jurema Cavallazzi

Refletir a respeito do preconceito das diferentes violências cometidas contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, segundo Charles Fernandes, aluno do ensino fundamental da escola, “é importante porque envolve o dia-a-dia de todos”.

Já as alunas Josiane Helena Machado e Kamylla de Oliveira

observaram que “alguns jovens levam a sério e acham importante as discussões e outros não levam a sério porque tem preconceito ou por levar na brincadeira”.

* A autora é integrante do Núcleo de Educação e Prevenção (Nepre) da Gerência de Educação da Grande Florianópolis.

O TEMA DROGAS VAI ENTRAR NAS PESQUISAS E DISCUSSÕES DESTA ANO



ATRÁS DO TEMPO PERDIDO Maicon, 16 anos, terá uma dura tarefa neste semestre para salvar o ano letivo e também o emprego conquistado há pouco tempo

Estudo diário é a única fórmula da aprovação

QUEM NÃO TEM BOAS MÉDIAS PRECISA REVER HÁBITOS PARA MELHORAR AS NOTAS

FRANCINE CADORE

Joaçaba

Dicas para não desperdiçar o ano

- > Tenha livros em casa, e leia-os
- > Reserve uma hora, no mínimo, todos os dias para revisar a matéria
- > Estude em um local tranquilo, silencioso e bem iluminado
- > Preste atenção às aulas e não converse enquanto o professor explica a matéria
- > Na aula, faça anotações do conteúdo
- > Tire as dúvidas logo para não acumular questionamentos

Durante o primeiro semestre, Maicon priorizou outras atividades, como o computador e a companhia dos amigos. Por mais que os pais perguntassem sobre o rendimento escolar, ele não encontrava vontade para pegar os cadernos. Maicon agora sabe que salvar o boletim, o emprego e o ano no colégio será uma tarefa árdua.

– A gente sempre arruma algo mais interessante do que estudar. Mas agora vou ter que me dedicar, pelo menos uma hora por dia para recuperar as notas. Não tem escapa-

tória – diz o estudante.

O colega Fábio dos Santos Oliveira, 13 anos, também está consciente sobre o caminho que percorrerá no segundo semestre. Cadernos, livros e apostilas, que ficaram de lado durante os dois bimestres anteriores, serão presença constante na mesa de estudos do garoto.

Além disso, ele pretende mudar os hábitos. Deixará de dormir as dez horas diárias, quer prestar mais atenção às aulas e pretende criar uma rotina de estudos.

– Eu me desafio a passar. Sei que

preciso estudar mais e vou mudar meu comportamento – garante.

Para a coordenadora pedagógica Juçara Roussen, os alunos conseguirão passar de ano se aproveitarem corretamente os quatro meses que restam do ano letivo.

– Eles precisam mudar os hábitos e se readequar a uma rotina dura de estudos. Não há fórmula mágica, senão o estudo diário – define Juçara. A proposta de revisar diariamente o conteúdo será seguida à risca pelas estudantes Diana Aparecida de Jesus Medeiros, de 17 anos, e Cristiani Alinne Borba, de 15. Elas estão na 3ª e na 2ª séries do ensino médio e precisam recuperar notas em Química, Português, Matemática e Física. Nunca reprovaram e asseguram que esta não será a primeira vez.

– Senão me orientar a tempo, a corda vai apertar ainda mais o meu pescoço – prevê Diana.

francine.cadore@diario.com.br

Família deve acompanhar o estudante

Nem milagre, nem fórmula mágica. Para os especialistas, o que funciona de fato é o estudo contínuo. Se a prática iniciar na infância, com o acompanhamento constante da família, o estudante tomará gosto pelas boas notas e não terá problemas com o rendimento, sustenta a coordenadora das licenciaturas da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unesc), Marilena Zanoello Detoni.

– É obrigação dos pais estar presentes na educação dos filhos, isso não significa apenas buscar e levar à escola. Estar presente é estimular a expressão oral, contar histórias, acompanhar os temas, ajudá-los a fazer e nunca dar a resposta do exercício. Devemos ensinar a criança a cultivar o hábito de estudo, com disciplina e organização. Se isso for feito na infância, na adolescência e na vida adulta, o estudante andar com as próprias pernas por este caminho – aponta Marilena.

Para aqueles que deixaram os trilhos do estudo de lado e estão com a corda no pescoço, a dica é uma só: dedicação exclusiva aos cadernos.

A coordenadora pedagógica Ivana Machado diz que os alunos

precisam criar o hábito de repassar o conteúdo em casa e estudar sozinho para fixar a explanação do professor. Ela lembra que, na escola, o aluno recebe a informação; em casa, processa e assimila os novos dados.

– O aluno deve fazer suas anotações sobre a matéria na escola. Sozinho, deve exercitar, praticar o que aprendeu. Se não conseguir fazer um exercício, ou caso tenha dúvidas, no dia seguinte ele precisa conversar com o professor para entender o conteúdo. Se o problema de aprendizado for muito grande, indico um professor particular – aconselha a coordenadora pedagógica.

Para as especialistas, ainda há tempo para os alunos despertarem da folga e passarem de ano.

– É uma questão de dedicação e interesse – destaca a diretora-geral do Cert, Margareth Pinto.

– Com o estudo contínuo, o aluno percebe que não terá desentendimentos e acumulará boas notas e satisfação – completa a professora Marilena.



Margareth Pinto

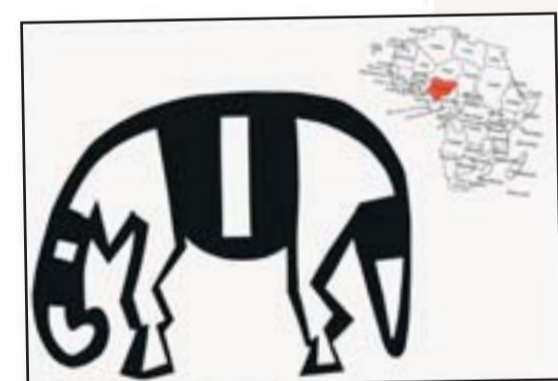
Influências africanas

TURMAS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLA DE CRICIÚMA MERGULHARAM NA INTENSA CULTURA DA ÁFRICA

A professora de Artes Karin Alice Baumgardt trabalhou o tema África com seus alunos de 1º e 2º ano do ensino médio da escola Padre Miguel Giacca, de Criciúma. O povo, a cultura e o ambiente africano foram inspirações para os estudantes. Os alunos fizeram os trabalhos procurando o design e o seu país de origem, respectivamente.

– Eles ficaram encantados em como a mágica da pesquisa da natureza e da cultura de um povo pode se transformar em arte de muito requinte – observou a professora.

– A exposição deu aos alunos a noção da variedade de designs que podem ser buscados no continente africano – salientou Karin.



ALINE OLIVEIRA GONÇALVES E DIOVANA DA SILVA SANTANA Trabalho inspirado na Nigéria

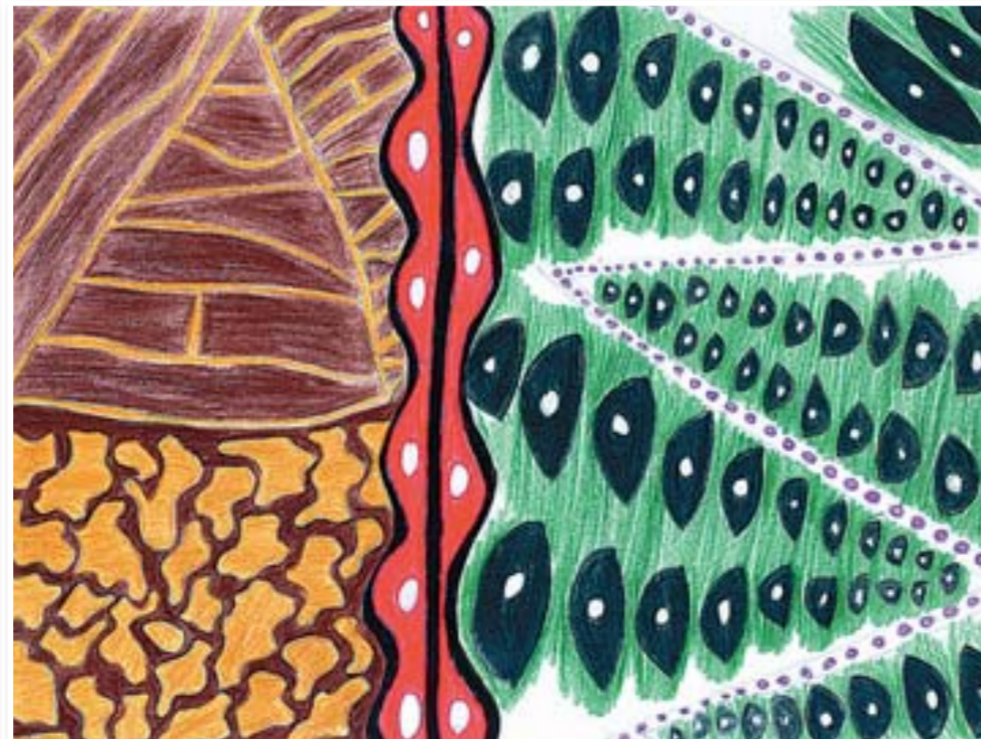
JULIANA MEDEIROS VIEIRA, LISIANE BOEING E SAMIRA VALERIANO BARBOSA As três colegas mostraram a influência do Gabão



FRANCIELE SERAFIM BORBA A aluna de 17 anos optou por uma arte abstrata marcada por rajadas negras, que lembram as listras das zebras africanas



JULIO CÉSAR BARON O jovem de 18 anos recorreu a linhas retas e coloridas na composição



EMILY COELHO A estudante de 15 anos lembrou a terra e o verde do continente africano

Inspiração nas Senhoritas

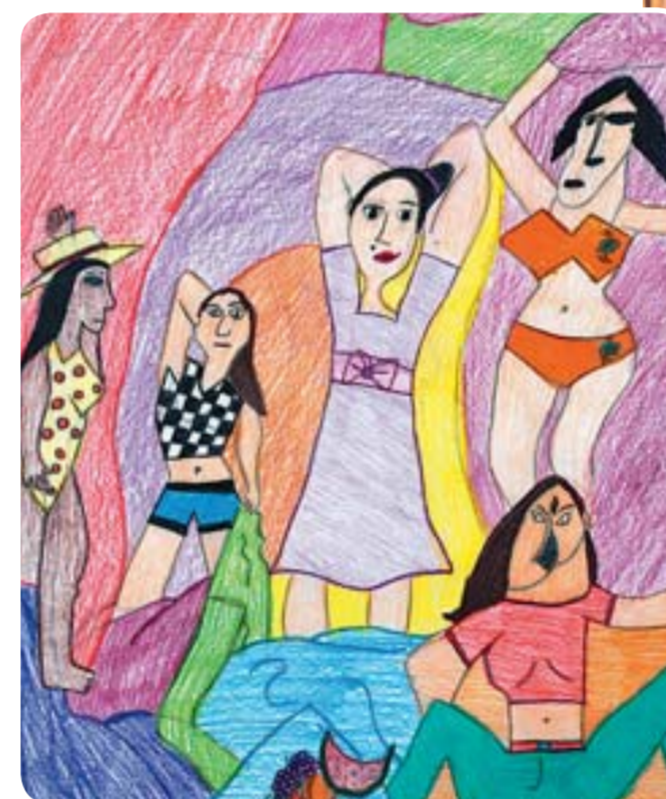
ESTUDANTES DE RIO DO SUL FIZERAM UMA RELEITURA DE OBRA SECULAR DO ESPANHOL PABLO PICASSO

O grande artista espanhol Pablo Picasso serviu de âncora para a turma do 7º ano do ensino fundamental da professora de Artes Rosemari Morastoni de Lima, da escola Professor Henrique da Silva Pontes, de Rio do Sul, desenvolver a habilidade criativa e saber mais sobre design de moda. O trabalho foi realizado a partir do conhecimento de textos e da obra *As Senhoritas de Avignon*, de Picasso, bem como de discussões sobre o assunto e o esclarecimento de dúvidas.

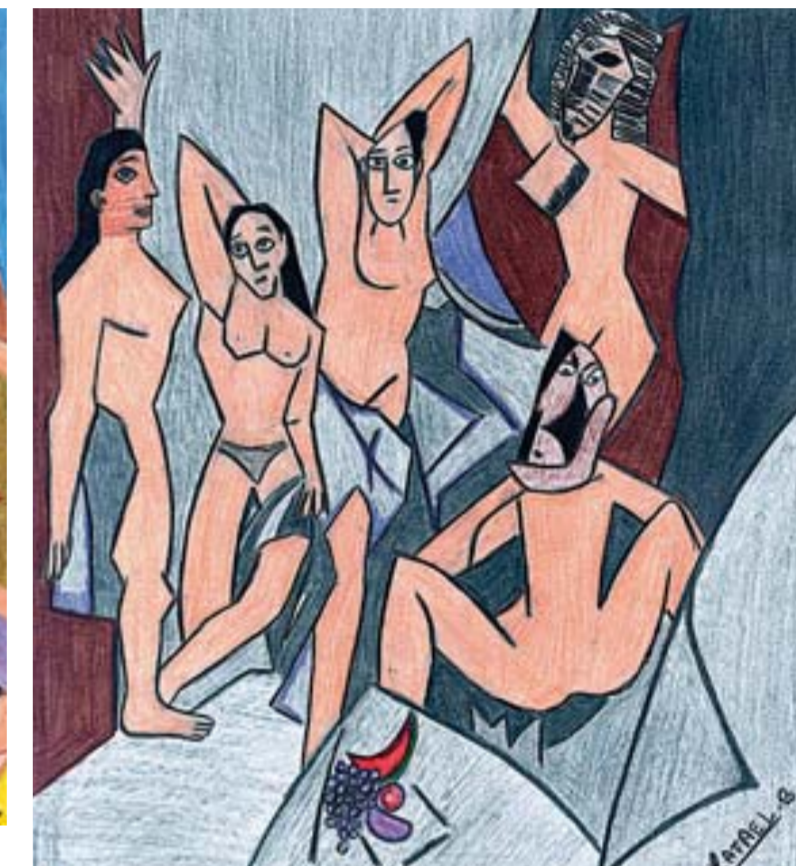
– As atividades desenvolvidas alcançaram um excelente resultado – definiu a professora Rosemari.



MARINA DALFOVO Destaque para o conjunto amarelo e vermelho, cores da Espanha



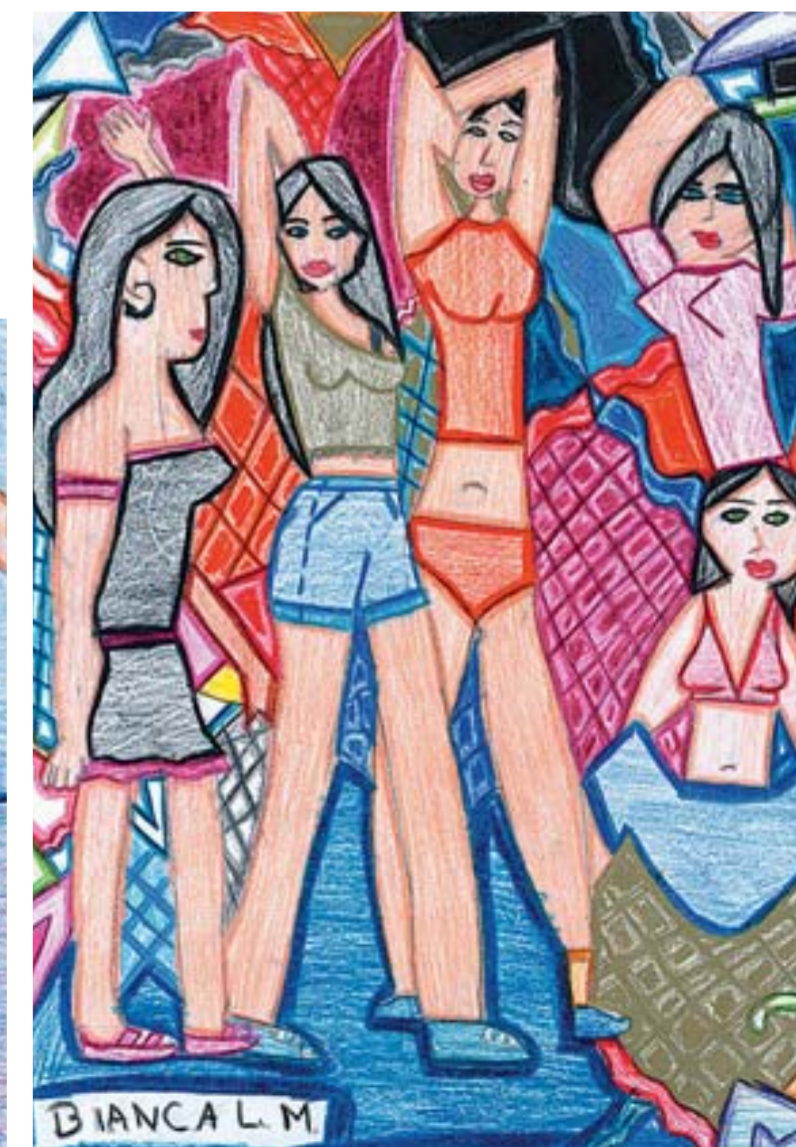
MARIA JULIA DEUCHER A menina de 12 anos explorou as curvas na sua interpretação da pintura de Pablo Picasso



RAFAEL BATISTA A versão de *As Senhoritas de Avignon* do aluno de 14 anos é mais sombria, com uma forte presença do cinza e também do preto



MARCOS AMORIM O estudante de 13 anos fez uma releitura com traços mais retos da obra cujo original é de 1907



BIANCA LETICIA MERIZ *As Senhoritas de Avignon* em peças mais ousadas

Doença virou nova disciplina

A gripe A praticamente virou uma nova disciplina nas salas da Escola Professor Osni de Medeiros Régis, de Lages. Os professores deixaram um pouco de lado os assuntos que já estavam pré-programados e passaram a discutir a doença e suas implicações com os alunos.

Márcia Aparecida Matos é professora de História e Geografia no 6º ano e, em vez de abordar fatos que marcaram o país ou de ensinar as capitais de cada Estado, trata da nova gripe com a mesma ênfase que daria a outros assuntos.

Com um retroprojetor voltado para a parede, ela explica não haver motivo para pânico e tranquilizou os alunos quanto aos esforços da ciência na busca por respostas e soluções para o problema. Perguntas sobre o assunto são feitas, e todas são respondidas com precisão.

— Os alunos estão entendendo a mensagem e se interessando pelo tema. O que eles leem, ouvem e assistem sobre a gripe é trazido para ser discutido na sala de aula. E não basta apenas saber, é preciso agir. Por isso, cada um leva o conhecimento para casa, pois se as famílias estão bem, os alunos também estarão, e a

nossa escola estará livre da doença — diz Márcia.

E discutir a gripe na escola faz mesmo efeito positivo. O pai de Annelisa Fernandes, de 11 anos, teve gripe, mas ela própria constatou em casa que os sintomas não eram os da gripe A. Depois, a confirmação veio pelo médico. O pai de Karoline de Oliveira, 11 anos, é borracheiro na BR-116 e presta serviços a motoristas de todo o Brasil. Muitos deles chegam lá com máscaras, e o pai de Karoline, que até já teve medo de ser infectado, hoje está mais tranquilo com as informações que a filha lhe passou.

Isaac Liposki, 11, tem alergia a pó. Há alguns dias, chegou em casa espirrando e seu pai foi correndo comprar álcool em gel e xarope, pensando que o filho estava com o vírus H1N1. O próprio Isaac o tranquilizou. Mesma atitude foi tomada por Bruno Silva da Cruz, também de 11, que vai explicar a um amigo da família que não é necessário e pode até ser perigoso andar com máscara, principalmente a mesma, a todo momento.

— Os alunos são os multiplicadores das informações que todos precisam saber — conclui a professora.



Márcia Matos



INFORMAÇÃO É O MELHOR REMÉDIO As colegas Andriele e Alessandra sentem-se mais preparadas para combater o vírus H1N1 depois de pesquisarem sobre o tema e discutirem a questão em sala de aula

Sintomas da Gripe A

- Febre
- dor de cabeça
- Cansaço
- dor de garganta
- tosse
- muco (catarro)
- dores musculares
- Ardor nos olhos

A gripe A caiu na rede

AULAS DE INFORMÁTICA EM ESCOLA DE LAGES ESTÃO SERVINDO PARA ALUNOS SABEREM MAIS SOBRE A DOENÇA

AS DIFERENÇAS

Confira as características de cada uma das gripes

	SINTOMAS	GRIFE COMUM	GRIFE A
	febre	não chega a 39°	início súbito a 39°
	dor de cabeça	pouca intensidade	intensa
	calafrios	esporádicos	frequentes
	cansaço	moderado	extremo
	dor de garganta	acentuada	leve
	tosse	pouco intensa	seca e contínua
	coriza	forte e com congestão nasal	pouco comum
	dor muscular	moderada	intensa
	ardência nos olhos	leve	intensa

Fonte: Organização Mundial de Saúde (OMS)

Editoria de Arte

PABLO GOMES Lages

Não é um medicamento, mas seus efeitos são bastante positivos. Também não é uma bula, mas tem todas as informações necessárias. A internet é uma importante aliada no combate à gripe A, e é através dela que uma das comunidades mais carentes de Lages, na Serra Catarinense, previne-se contra o mal que vem apavorando o mundo inteiro há mais de três meses.

Quando as aulas da rede municipal de ensino recomeçaram após as férias de julho, os professores da Escola Professor Osni de Medeiros Régis, do Bairro Tributo, sentiram a necessida-

de modificar um pouco a grade curricular que estava programada para incluir no cotidiano dos cerca de 500 alunos, do pré-escolar ao nono ano do ensino fundamental, o grande assunto da atualidade.

Comentários, dúvidas, medo e até piadinhas começaram a surgir sobre a presença e os efeitos da gripe A. Se alguém espirrasse, era motivo para ser tachado de doente, e era o que bastava para alguns ficarem receosos e deixassem de frequentar as salas de aula da escola. Assim, decidiu-se aliar a necessidade à tecnologia, e os computadores conectados à internet passaram a atuar como difusores de preciosas informações.

Sob a coordenação da professora de Informática Ana Paula Brum, os alu-

nos pesquisam os sintomas da gripe A, descobrem como é o tratamento, a prevenção e outras características do vírus H1N1.

Os dados colhidos são fixados em murais para que todos tenham acesso. A limpeza dos monitores, teclados, mouses e das mãos dos estudantes e professores é feita com álcool em gel. A necessidade da boa higiene pessoal é reforçada a cada instante e, se alguém desrespeita as regras, imediatamente é alertado pelos demais colegas de classe. As atividades rotineiras do laboratório de informática não foram abandonadas, mas cederam um espaço especial à nova gripe.

A professora Ana Paula destaca que, devido ao acesso ilimitado, as pesquisas sobre o tema são as mais diversas, e

cada informação obtida é apresentada e discutida.

— Do laboratório de informática, o assunto é levado para a sala de aula e, dali, para as casas dos alunos. Em pouco tempo, o medo entre eles já diminuiu, pois perceberam que, apesar da gravidade, não se deve criar pânico. Os alunos têm por hábito abraçar e beijar as professoras quando entram e saem da escola, e muitos não estavam mais fazendo isso por medo da gripe — observa a professora.

Alessandra Andrade, de 12 anos e aluna do 8º ano, achava que, quando a gripe surgiu, distante do Brasil, não chegaria ao nosso país. Mas bastou aparecer por aqui para a menina ficar assustada. No entanto, com o conhecimento obtido junto à internet

e discutido com colegas e professores, ela agora sabe que a doença não é um “bicho-papão”, e que evitá-la pode ser mais fácil do que se imagina.

— As informações que saem na televisão e nos jornais são muito rápidas e nem sempre suficientes. Então, a internet é uma ferramenta fundamental para sabermos mais sobre essa nova gripe — comenta.

Colega de classe de Alessandra, Andriele Castro, 12 anos, temia quando alguém espirrava perto dela, mas hoje seu medo é bem menor, pois sabe exatamente como se prevenir:

— Agora tenho consciência do que a gripe pode causar, e evito qualquer forma de contrair o vírus.

pablo.gomes@diario.com.br



• **Lave sempre as mãos.** Esfregue os dedos, o dorso e a palma com sabão. Limpe antes de comer, ao tossir e ao voltar para casa.



• **Proteja-se ao espirrar.** Use lenço de papel descartável. Assim, você evitará que o espirro solte secreções e transmita a doença.



• **Agasalhe-se no frio.** Sem proteção, o corpo fica exposto a viroses. Proteja as mãos e os pés.



• **Não se automedique.** Procure um posto de saúde ou um médico particular, evitando a superlotação dos hospitais.



• **Evite aglomerações.** O contato muito próximo com várias pessoas, em locais fechados, facilita o contágio.



• **Alimente-se bem e beba líquidos.** Coma carboidratos, proteínas, legumes e frutas. Beba pelo menos dois litros de água por dia.

Secretarias de Educação e de Saúde atuam em conjunto

Para garantir que a gripe A possa ser bem interpretada pelos quase 16 mil alunos da rede municipal de ensino de Lages, as secretarias de Educação e Saúde trabalham em parceria.

Panfletos que apontam as principais diferenças entre a gripe comum e a nova gripe foram distribuídos em todas as 145 unidades escolares do município. Os 1,6 mil professores também foram preparados pela Vigilância Epidemiológica e estão aptos a

orientar os estudantes.

As professoras grávidas recebem cuidados especiais, bem como a higiene dos alunos e dos ambientes escolares. As salas também passaram a ter melhor ventilação. Como em Lages é frio, todos os estudantes matriculados têm uniforme completo, inclusive com jaqueta, para ficarem mais agasalhados.

Casos suspeitos constatados em sala de aula são encaminhados imediatamente aos postos de saúde,

onde as crianças têm preferência no atendimento. Já para os casos suspeitos em casa, a orientação é que os pais não enviem seus filhos à escola.

— Este momento da gripe A é oportuno para trabalharmos em todas as escolas a prevenção a outras doenças. Estamos construindo uma nova atitude, um novo comportamento com relação a tudo, inclusive a higiene pessoal de cada um de nós — comenta a secretária da Educação, Sirlei Rodrigues.

Abstrações e provocações

ALUNOS DE CRICIÚMA DESENVOLVEM O ABSTRACIONISMO E A OPTICAL ART

Desenvolver trabalhos diferentes, abstratos e contrários à harmonia estática foi o desafio proposto pela professora de Arte Kátia Mariana Kemczenski aos alunos das turmas 71 e 72 da 7ª série da escola Coronel Marcos Rovaris, de Criciúma. A inspiração para o trabalho foi o abstracionismo, tendência na qual o artista não necessitava mais ser fiel ao modelo inicial, e a op-art,

forma abreviada de optical art (arte óptica), expressão inglesa que definiu um movimento iniciado na Europa e difundido nos Estados Unidos na década de 1960. Contrário à harmonia estática, ele provocava e visava os estímulos visuais. – Os trabalhos realizados pelos alunos buscam esse estímulo visual. Usando linhas de diversos tipos e cores contrastantes, eles procuraram trabalhar esses estímulos – comentou a professora Kátia.



LARISSA NOWASKI A intensidade do verde e do vermelho apontam para um mesmo sentido na obra da garota de 14 anos da turma 72 da professora Kátia



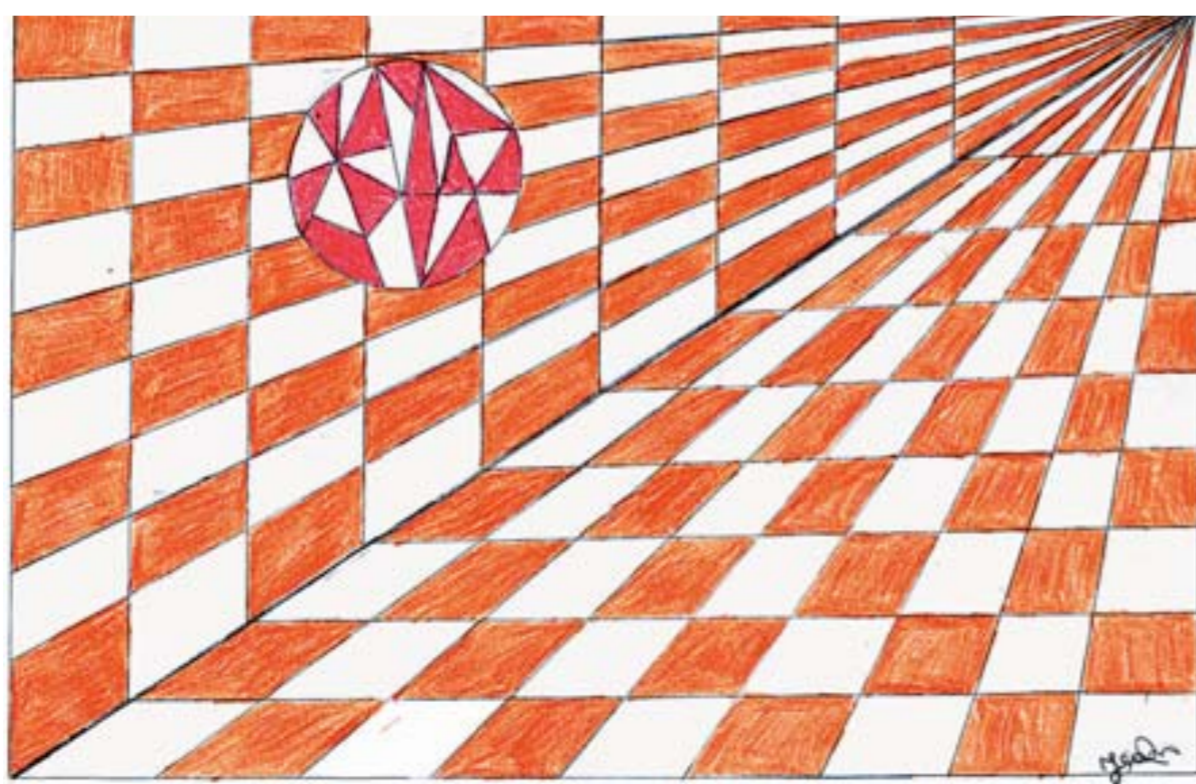
LUCAS SERAFIM DA SILVA O aluno de 14 anos optou pelo preto e branco



LILIANE SALVADOR LAURENÇO A estudante de 13 anos trabalhou linhas retas em diferentes sentidos e cores



VANDERLISE CRISTINA VIER A menina desenvolveu em forma de espirais os contrastes do amarelo e do preto



JEAN FUCHTER A profundidade e a ideia de um interminável corredor estão na proposta do estudante de 13 anos

Cubismo e perspectivas

ALUNOS DE XANXERÊ ABUSARAM DA CRIATIVIDADE EM DIFERENTES FORMAS DE MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA

Diferentes formas de arte foram desenvolvidas em sala de aula por estudantes das escolas Romildo Czepanik e Professor Iracy Tonello, ambas de Xanxerê, no Oeste do Estado.

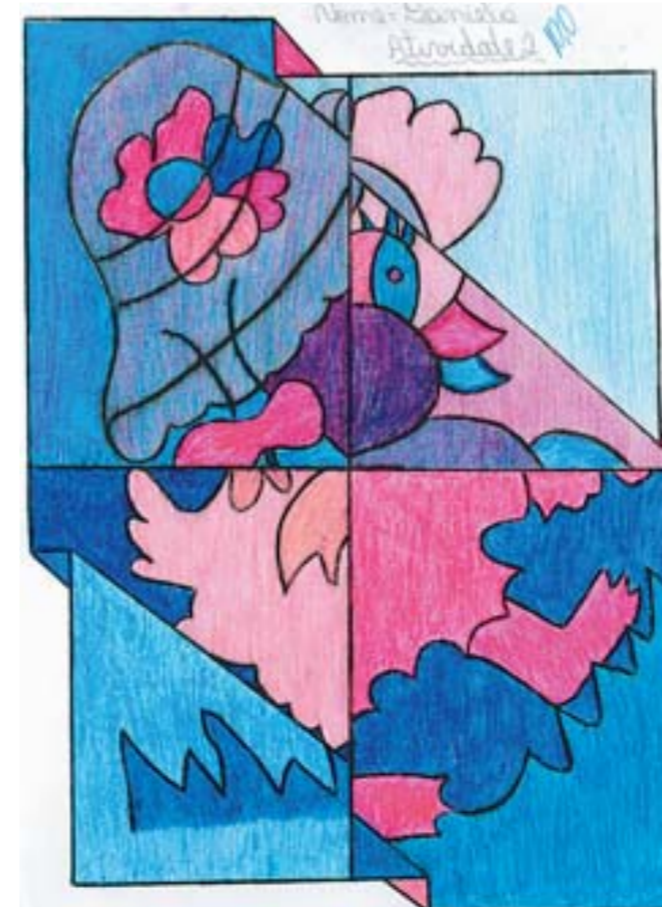
Na Romildo Czepanik, os alunos da professora Eliana Kuhn dos Santos deveriam desenvolver a técnica da perspectiva e da luz e sombra, observando os pontos de fuga do desenho, a linha do horizonte e as zonas de tons, modulando a passagem de tonalidade mais clara para a mais escura.

Na escola Iracy Tonello, o tema explorado foi o cubismo, movimento artístico que chocou inicialmente até conquistar seu espaço e adeptos que se tornaram ilustres, e deixaram suas marcas registradas nas telas, como o espanhol Pablo Picasso.

– Na escola, nós procuramos colocar o nosso aluno em contato com estas imagens e, para fazê-los sentir-se também artistas do cubismo, desenvolvemos uma técnica de desenho/dobra/pintura/colagem. O resultado desta atividade são uma série de imagens lindíssimas e criativas – comentou a professora Claudia Luiza Gonssato.



SHEILA CARVALHO HENICKA O Saci-Pererê, do folclore brasileiro para a arte da aluna da escola Iracy Tonello



DANIELA MORETTO Com 13 anos, ela colocou no papel a composição de uma ave



SUELI CRISTINA MAKOSKI A menina da escola Iracy Tonello fez um pássaro em um vaso de plantas



MARINA BENEDETTI A jovem de 15 anos do 2º ano da escola Romildo Czepanik explorou o verde e a beleza de uma casa do meio rural



KÁSSIO CARVALHO O aluno de 16 anos da escola Romildo Czepanik mostrou em sua arte como é um dia de vento forte nas propriedades do interior do Oeste catarinense



LAYSA DALMORO DE OLIVEIRA A estudante de 16 anos do 2º ano da escola Romildo Czepanik retratou imagens comuns na região de Xanxerê

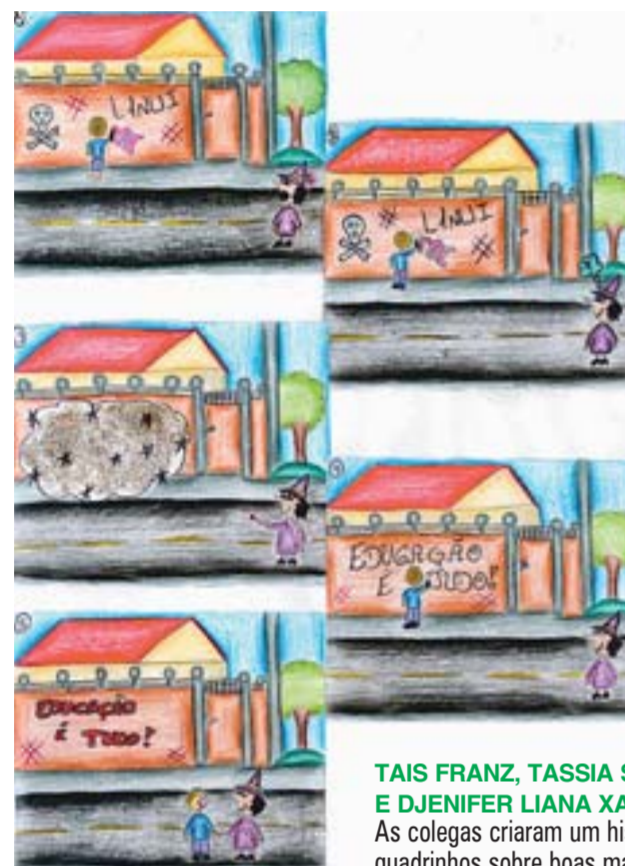
As lições da Bruxinha

PERSONAGEM DOS QUADRINHOS SERVIU DE BASE PARA TRABALHO DE ALUNOS DE 8ª SÉRIE DE ITUPORANGA

A narrativa não-verbal de um livro da escritora Eva Furnari, nascida em 1948 na Itália mas que vive no Brasil desde os dois anos de idade, foi a ideia desenvolvida pela professora Marisa Cipriani Rossa com os alunos da turma da 8ª série de Língua Portuguesa da escola Vereador Paulo França, de Ituporanga, no Alto Vale do Itajaí.

O trabalho teve como personagem principal a Bruxinha, uma das figuras mais conhecidas das obras de Eva Furnari e que é publicada em história em quadrinhos de suplementos infantis.

Como autora infanto-juvenil e como ilustradora, Eva Furnari recebeu o Prêmio Jabuti, um dos mais importantes da literatura nacional, nos anos de 1986, 1991, 1993, 1995, 1998 e 2006. Como a própria autora já revelou em entrevistas, a ilustração precedeu sua produção literária, mas foi nas letras que ela efetivamente veio se destacar na cultura nacional.



TAIS FRANZ, TASSIA SCHÄFFER E DJENIFER LIANA XABIER As colegas criaram um história em quadrinhos sobre boas maneiras



JARDEL MARIAN O aluno de 14 anos fez a Bruxinha mudando a vida de uma criança



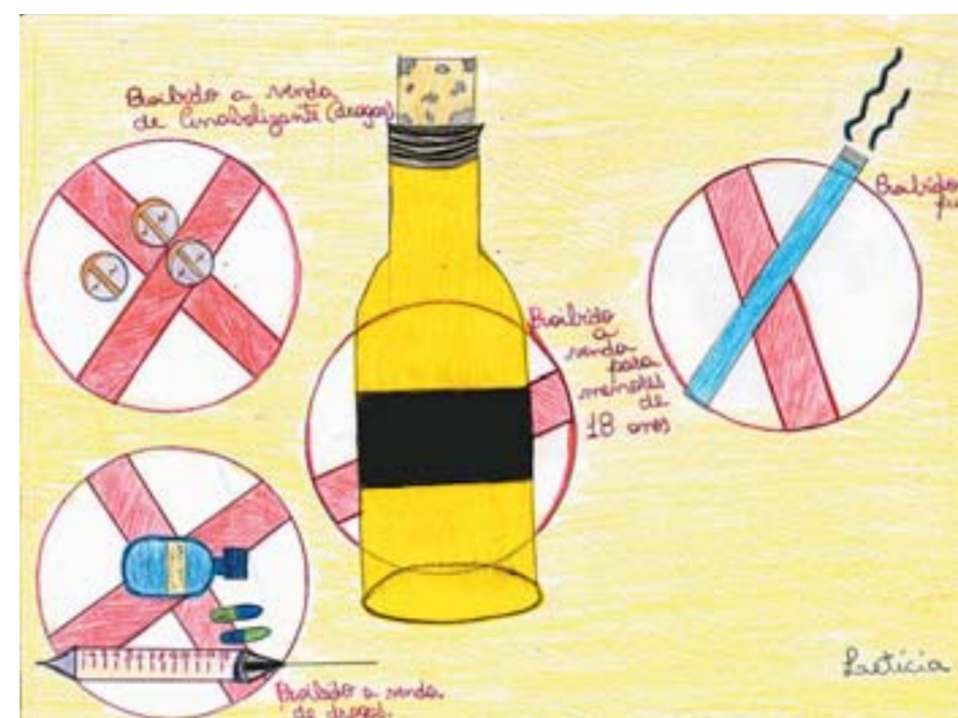
ALAN CARLOS DE OLIVEIRA, TIAGO WILEMANN E MICHAEL DIEVID MARIANO Os colegas de sala também contaram uma história com a personagem



LEONARDO ABREU E GUILHERME GEOVANI PIERRE A Bruxinha em quatro momentos



GREICE KRAUSE E NAIARA ERN A personagem das colegas acabou com a briga de duas crianças



LETÍCIA DA ROCHA A menina de 12 anos sugere a proibição das mais diferentes drogas



MORGANA DE SOUZA Um apelo e a família unida é o que pediu no desenho a aluna de 11 anos

Prevenção em sala de aula

ESTUDANTES DE ESCOLA DE IÇARA SÃO CONSCIENTIZADOS DESDE CEDO SOBRE OS PERIGOS DAS DROGAS

A prevenção ao uso de drogas foi tema de trabalho desenvolvido pela professora Márcia Natalina Mondardo, da escola Antonio Guglielmi Sobrinho, de Içara, no Sul do Estado.

O objetivo do trabalho foi explicar o impacto causado na família e principalmente na vida de

usuários de entorpecentes; perceber o quanto é possível ter uma vida saudável e valorizar a vida em família.

Após leituras e o debate de vários textos sobre prevenção ao consumo de drogas, os estudantes puderam apresentar



de uma forma criativa, através de desenhos, o que assimilaram sobre o assunto.

– Nos relatos dos estudantes, percebi que o assunto abordado despertou o interesse deles, pois fazem parte de nossa sociedade, que apresenta disparidades

sociais tão grandes. Nos trabalhos ainda pudemos perceber o que acontece nas famílias de nossos alunos e que é fundamental para eles discutir e mostrar suas angústias em relação ao assunto. Aqueles que não conseguiram se expressar através do diálogo, saíram-se muito bem pelo desenho – observou a professora Márcia Mondardo.



ARIADNY CARDOZO Vale tudo para ficar longe de entorpecentes



DIANA FORMENTIN A importância do diálogo de pai e filho



JADNA PEREIRA Conselho de amigo é preciso ser ouvido

No Oeste, exemplo de alfabetização

São João do Oeste

O município de São João do Oeste, no Extremo-Oeste, é a cidade com o menor índice de analfabetismo do Brasil: 0,91% da população em idade escolar, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para se fazer um comparativo, a média estadual é 6,3% e a brasileira, 13,6%.

– Estes considerados analfabetos são, em geral, idosos, portadores de deficiência e trabalhadores temporários, aqueles que vêm de fora só para trabalhar na cidade – acredita o secretário de Educação, Denílson João Grasel.

Resultados tão positivos nesse sentido, segundo o secretário, ocorrem principalmente por questões culturais da população da região. Não são apenas frutos de ações ou programas isolados, e sim de atitudes que se refletem ao longo dos anos.

– Essa é uma questão cultural. A primeira coisa que os colonizadores faziam, em cada lugar que habitavam, na nossa região, era construir uma igreja e uma escola. Estudo e leitura sempre fizeram parte das nossas vidas – salienta Denílson Grasel.

Pode-se atribuir esta prática aos colonizadores alemães, orientados por padres jesuítas. A maior parte da população recente – cerca de 5,8 mil habitantes – tem pelo menos o ensino básico (4ª série). E as crianças em idade escolar estão todas em sala de aula.

– Há cerca de três anos começamos um programa de alfabetização de jovens e adultos. Uma parte da população vem de outras cidades e ainda precisa receber esta educação básica. E uma das nossas metas é viabilizar a alfabetização destas poucas pessoas que ainda não atingiram este estágio – garante o secretário de Educação.



FLAVIO NEVES

DE OLHO NO FUTURO A diarista Marisane Gomes conta que o Ceja foi a melhor alternativa para ela voltar aos estudos

O recuperador de sonhos

CEJAS RENOVAM ESPERANÇA DE QUEM NÃO FEZ ENSINO MÉDIO

JÚLIA ANTUNES LORENÇO

Marisane Gomes, 29 anos, precisou largar o 2º ano do ensino médio para trabalhar. Stefani Lizandres, 20 anos, terminou apenas o ensino fundamental, mas sonha fazer a faculdade de Direito. Dayane dos Santos Teixeira, 19 anos, também quer concluir os estudos para conseguir um emprego bom e fazer Administração.

Apesar de sonhos terem sido adiados e os estudos deixados de lado, eles não foram totalmente esquecidos. As três mulheres estudam na mesma turma do Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja), em Florianópolis. Marisane é diarista e, para ela, o Ceja era a melhor opção para conciliar estudos e emprego.

– Com o Ceja, eu posso vir aqui numa manhã e ter aula de matemática – relata a estudante.

Stefani Lizandres também diz que o Ceja é melhor para ela poder terminar o ensino médio, que sequer havia iniciado. Ela conta que depois de concluir, tentará vestibular para Direito, um sonho antigo. Dayane também espera terminar o ensino médio, interrompido no 2º ano, para

EXISTEM 30 CENTROS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ESPALHADOS PELO ESTADO ATUALMENTE

ingressar numa faculdade de Administração em 2010.

O Ceja de Florianópolis atualmente conta com 90 turmas. As aulas ocorrem nos períodos matutino, vespertino e noturno. O assessor pedagógico, Arnaldo Prudêncio, explica que cada aluno pode fazer, no máximo, duas matérias, e ir ao Centro duas vezes por semana.

O Ceja de Florianópolis é um dos 30 existentes no Estado. Além desses, mais sete estão sendo criados. O programa, existente desde 1992, atende todo o Estado. Técnico-pedagógico da Secretaria Estadual da Educação, Pedro Polidoro, informou que a maior procura pelos Cejas é no en-

sino médio. Segundo ele, o perfil de alunos são de pessoas que pararam o estudo nas primeiras séries. Para frequentar as aulas é necessário ter mais de 18 anos.

– Não dá para fazer a partir de 15 anos. Percebemos que muitos alunos vinham da escola regular para os Cejas porque é mais rápido – diz.

Brasil Alfabetizado atende jovens a partir dos 15 anos

Enquanto algumas pessoas, que já passaram da idade escolar, buscam concluir os estudos, outras ainda dão os primeiros passos no abecedário. Lançado em 2003 pelo Ministério da Educação, o programa Brasil Alfabetizado quer erradicar o analfabetismo no país.

Em Santa Catarina, são cerca de 12 mil alunos matriculados no projeto, que já atendeu cerca de 80 mil pessoas. O programa atende jovens a partir de 15 anos, mas a maioria dos alunos têm mais de 30.

O programa conta 800 alfabetizadores e ainda 80 coordenadores de turmas, que realizam um acompanhamento mais próximo e fazem contato mais direto com os alunos.

♦ julia.antunes@diario.com.br

A aprendizagem

O processo de aprendizagem é diferente para crianças e adultos. Enquanto a criança deve aprender com métodos que se enquadrem na faixa etária em que se encontra, o adulto já passou por diferentes fases e, por isso, exigem técnicas de ensino diferentes.

ZERO AOS 7 ANOS

A criança está na fase chamada de pré-operatório, por isso precisa de exemplos concretos para aprender.

– Neste período é necessário ensinar com brinquedinhos, com jogos, como pegar palitinhos, para ensinar a criança a somar – explica a psicopedagoga Márcia Fiates.

7 AOS 12 ANOS

A criança está mais aberta e o pensamento não é mais baseado somente no concreto.

– Aqui, ela não precisa mais dos palitinhos, o que ela lê ela entende. Por volta dos nove anos, ela passa a compreender questões de duplo sentido. Essa fase vai até os 12 anos e é conhecida como operatório completo – acrescenta a psicopedagoga.

12 ANOS EM DIANTE

A criança passou para a adolescência e por isso chega à maturidade do desenvolvimento cognitivo.

– É a fase hipotética-dedutiva. O jovem adquire recursos que serão utilizados até a idade adulta – explica a psicopedagoga.

Márcia observa que, por causa dessas etapas, ao ensinar o adulto é preciso estar atento se ele já teve algum estímulo durante a vida. Ela diz que uma pessoa analfabeta, por exemplo, pode saber fazer cálculos de cabeça.

– Ela não aprendeu a escrever e a ler, mas pode ter sido comerciante.

Além disso, ela observa que não é possível exigir muito, porque, apesar de adulto, eles podem não ter uma lógica dedutiva.

– É preciso entender em que nível de aprendizado ele está, até porque o fato de não ter frequentado a escola não quer dizer que ele não teve outras vivências, não experimentou outras coisas além da vida acadêmica. Ou ainda, há pessoas que tiveram uma privação maior do que outras, que não teve estímulo algum – observa a psicopedagoga.

Os números de SC

População de 15 anos ou mais: 3.846.877

População alfabetizada de 15 anos ou mais: 3.603.656

População analfabeta de 15 anos ou mais: 243.221

Taxa de analfabetismo: 6,32%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)